

Festividades
do Ciclo da

Páscoa na

Póvoa de

Varzim

Festividades da Semana Santa na Póvoa de Varzim



A Quaresma e a Páscoa, quadra particularmente importante no calendário da cristandade, são vividas pela comunidade poveira com a solenidade própria das grandes ocasiões. Tradicionalmente, terminados os excessos carnavalescos, tinha início na quarta-feira de cinzas um período de recolhimento e contenção de hábitos que marcavam a vida do dia-a-dia e serviam de barómetro aos comportamentos sociais, jejuns e abstinências (obrigatórios na Quarta-feira de cinzas e sextas-feiras), marcavam o ritmo do quotidiano dos crentes, fazendo-os comungar do mesmo espírito e de um vivência cúmplice dos preceitos definidos para este período. E se, atualmente, várias destas práticas da esfera íntima não têm a mesma expressividade social de algumas décadas atrás, não é por isso que a comunidade cristã vive com menor fervor a prática da sua fé.

Os quarenta dias da Quaresma assumem-se como um período de preparação para os momentos fulcrais da Morte e Ressurreição de Cristo. Começando na quarta-feira de cinzas, os seis domingos que antecedem o da Páscoa (I; II; III; IV- domingo de Lázaro; V- domingo de Passos; VI- domingo de Ramos) estão assim integrados neste tempo de reflexão em que os católicos são convidados à oração e à renúncia ao esbanjamento. No entanto, o ciclo da Páscoa não se encerra no domingo de Aleluia. Após quarenta dias celebra-se o momento Ascensão do Senhor, terminando finalmente o ciclo pascal com o domingo de Pentecostas.

Este é um período riquíssimo de manifestações coletivas, com particular relevância para a Semana Santa. Congregam-se significativos esforços financeiros e humanos da Igreja, das associações de leigos e da sociedade civil para garantir a organização perfeita dos diferentes rituais litúrgicos, das numerosas procissões, dos cortejos noturnos, das dramatizações de cenas bíblicas ou das visitas pascais. As celebrações extravasam o espaço sagrado da igreja, expandindo-se para as ruas e para as casas dos poveiros. Contando com a envolvimento empenhada da comunidade, estas são ocasiões que cimentam a identidade coletiva e alimentam um forte sentido de pertença.

A profunda vivência da religiosidade não inibe, no entanto, a existência paralela de manifestações de índole marcadamente profana, de grande

valor antropológico. O propósito desta publicação é, assim, o de apresentar de forma sucinta o rico e diversificado programa de eventos que decorre durante este longo período, fornecendo dados para uma melhor compreensão dos mesmos.

As Raízes Históricas

Está comprovada a existência de uma ermida românico-gótica com a evocação de S. Tiago, datável do século XII-XIII, mas só alguns séculos mais tarde nos surge documentação escrita relativa às manifestações religiosas da comunidade poveira. Este é o período em que o pequeno povoado da Póvoa de Varzim cresce em importância e autonomia: cria-se a póvoa marítima de Varzim através do Foral de D. Dinis (1308), revisto por D. Manuel (1514); consegue-se a emancipação da velha paróquia de S. Miguel o Anjo com a fundação da Vigararia da Póvoa (século XVI); dá-se a dilatação urbanística e demográfica que justificam a proliferação de templos e de devoções que encontramos no século XVII. Nesta evolução tiveram um papel marcante alguns capitães e pilotos, navegantes do alto-mar, que através da instituição e fundação de diversas capelas e devoções criaram os espaços propícios para se ancorarem as confrarias e as celebrações.

Especialmente importante foi a ação do Piloto-Mor da Armada, António Cardia e de sua filha Mónica Cardia de Macedo que, em testamento conjunto de 1678, afirmavam de forma clara que o substancial legado deixado à Confraria do Santíssimo Sacramento (fundada em 1622) teria por finalidade "que na Igreja Matriz desta villa da Povoia de Varzim in perpetuum rei memoria[m] [se instituissem] os officios da Semana Santa de cada hum anno". As cerimónias realizaram-se pela primeira vez no ano de 1687, segundo Flávio Gonçalves, ou 1688, na opinião de Bernardino de Faria.

Há notícia da realização anterior da procissão do Corpo de Deus (1591), mas as celebrações da Semana



Santa ganharam lugar de destaque, sendo abraçadas por toda a comunidade, revelando-se a profunda religiosidade característica dos homens do mar – sejam navegantes de longo curso ou simples pescadores.

A dinâmica própria da comunidade poveira em acelerado crescimento, nos séculos XVIII-XIX, e a colaboração próxima das suas instituições oficiais, associativas, clericais e militares, explica a consolidação e engrandecimento das várias manifestações religiosas. No início do século XX, autores como Rocha Peixoto,



Santos Graça ou Cândido Landolt destacam as características próprias das mesmas, identificando-as como um fator adicional de atração turística.

No conjunto das iniciativas enquadradas na Quaresma e Páscoa as procissões são uma das manifestações com maior visibilidade. Elas impressionam pelo seu elevado número, pela importância na vida da comunidade, pela grande qualidade artística e riqueza simbólica. Estes acontecimentos cíclicos e efémeros são “documentos vivos”, resultando de séculos de tradições, devoções e história. A maior parte das procissões que se organizam neste período apresentam hoje um vasto programa erudito e catequético, com a participação de um grande número de crianças e jovens que colaboram com orgulho e um conhecimento da história religiosa algo invulgar na atualidade. Dentro da correção programática e litúrgica, procura-se sempre a originalidade, cabendo o papel de acompanhamento e orientação ao clero, aliado a associações religiosas de leigos, como a Confraria do Santíssimo ou a Irmandade de Santa Casa da Misericórdia e as armadeiras que organizam e vestem o figurado.

As procissões que se realizam no período pascal podem-se dividir em dois tipos: “festivas” e “penitenciais”. Dentro da categoria festiva destaca-se

a Procissão dos Ramos e a da Ressurreição, enquanto as outras são intrinsecamente penitenciais: como as Procissões dos Passos e Enterro do Senhor. Estas últimas, por comemorarem liturgicamente a Paixão de Cristo, são marcadas pela cor negra dos balandraus e véus, pelos estranhos encapuçados, ou farricocos, que transportam os fogaréus e agitam ruidosamente as “matracas”, dos pendões “tombados” e o silêncio solene, entrecortado pelos cânticos pungentes da “Verónica” e das Santas Mulheres, dos coros e o ritmo dolente da Banda de Música.

Na atualidade, relativamente ao ciclo da Páscoa deixou de se realizar a “Procissão da Comunhão aos Entrevados”, que se realizava no 2.º Domingo da Quaresma e a Procissão das Lanternas. Noutros casos a evolução levou a novas soluções, como aconteceu com a substituição da Procissão do Ecce Homo (das Endoenças, ou dos fogaréus) pelo circuito de visita noturna às igrejas e capelas da cidade, na 5ª feira Santa.

Mas nem só de sentido religioso vive o homem. Por isso outras manifestações têm lugar neste período e refletem diferentes vertentes da alma humana. Estas manifestações profanas, cujas raízes são por vezes difíceis de identificar, revelam a necessidade de momentos de alegria e convívio, exteriorizando-se valores sociais e culturais da comunidade tradicional.





Celebrações do ciclo da Páscoa



As festividades indicadas estão integradas no ciclo da Páscoa e, como tal, são cíclicas e móveis (podendo o domingo da Aleluia variar entre os dias 21 de março e 26 de abril). A Semana Santa corresponde ao período de maior concentração de manifestações, destacando-se pela longevidade, magnificência, beleza, dignidade e esplendor, nelas se envolvendo largos sectores da população. Nestas organizações o respeito pelas normas litúrgicas convive com as tradições da igreja e sociedade local, revestindo-se de uma intensa religiosidade popular.

A vivência destes “acontecimentos”, destes happenings do sagrado, está intimamente dependente do voluntarismo das pessoas, disponibilidades financeiras dos concelhos económicos de igrejas e capelas, bem como das confrarias e irmandades. Devem-se, sobretudo, e mais profundamente, à devoção e crença das pessoas, força motriz que as motiva a envolverem-se nas várias manifestações, quer como participantes ativos quer como espetadores.

Procissão dos Passos de Amorim



Igreja Nova de S. Tiago de Amorim

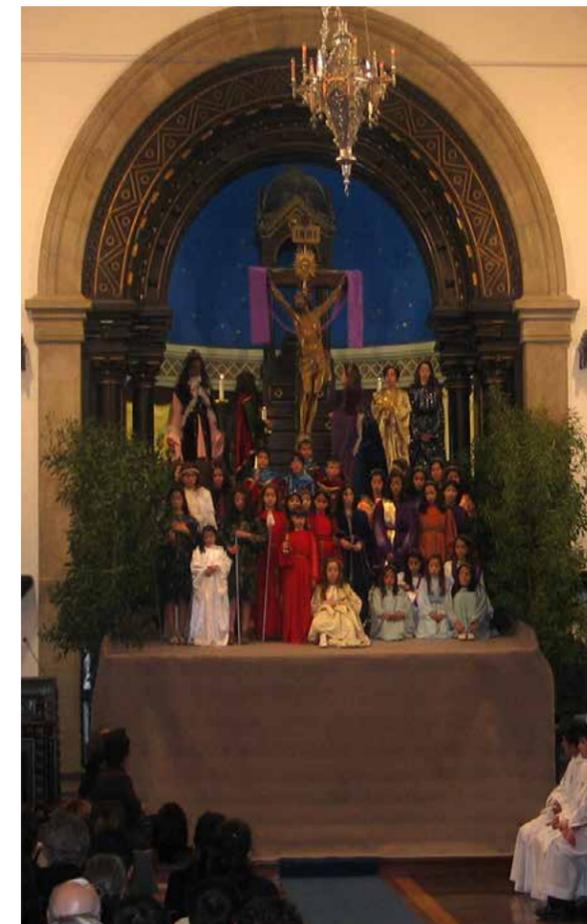
Realização: 4º Domingo da Quaresma, ou "Domingo de Lázaro". Tarde.

Percorso: Organiza-se e sai do adro da Igreja nova de S. Tiago de Amorim, passa pela Capela de Santo António de Cadilhe e termina no ponto inicial.

É uma procissão com andores e figurado organizado, representando a Via Sacra. Durante o seu percurso, realiza-se o Sermão do Encontro, junto à capela de S. António. É a primeira do ciclo desta tipologia -

antecedendo as da Póvoa e Rates - e ocorre por isso, numa fase ainda incipiente da Primavera, sendo habitual a instabilidade meteorológica e fortes ventos. Decorre daí a denominação "O Atésa", devido à dificuldade em segurar as bandeiras processionais e pendões (que chegam a atingir a altura de dois andares).

O programa, normalmente, segue o esquema do da Póvoa de Varzim. No entanto, conservam-se, nestas freguesias, alguns costumes que desapareceram na cidade, como a oferta de uma "rosca" a todos os "aninhos" no final e a encenação do "Monte" na capela-mor da igreja durante o Sermão do Calvário.



Procissão dos Passos



Igreja de Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim

Realização: 5.º Domingo da Quaresma, ou Domingo “da Paixão”. Tarde

Percorso: Organiza-se e sai do adro da Igreja da Misericórdia, segue pelo Largo das Dores, passa pela Rua do Senhor do Monte, Rua Fernando Barbosa, Rua do Visconde, cruzeiro paroquial (Largo Eça de Queirós), onde se realiza o “Sermão do Encontro”, Praça do Almada, Rua Dr. Sousa Campos, Praça da República / Largo de S. Tiago, Rua da Junqueira, Largo Dr. David Alves, Rua da Alegria, Avenida Mousinho de Albuquerque e regressa à Misericórdia.

Cortejo com andores e figurado organizado alusivo à Via Sacra de Cristo. As cruzes, Santo Lenho, andores, pendões, bandeiras e grandes estandartes processionais são elementos importantes nestas procissões dos Passos. Normalmente vestem-se cerca de 150 crianças e jovens. A Fanfarra dos Escuteiros vem normalmente a “abrir” a procissão e a Banda da Póvoa de Varzim segue no fim do cortejo.





Via Sacra

Igreja de N.ª S.ª da Conceição (Matriz)

Realização: Sexta-feira anterior a Ramos. Noite

Percurso: Organiza-se e sai do adro da Igreja Matriz, mas o trajeto varia de ano para ano. Recolhe à Igreja Matriz.

Procissão de velas, noturna, com paragem nas cruzes de Via-Sacra, instaladas, ao longo do percurso, em casas de fiéis que para tal são solicitados.

Uma cruz ladeada de tochas acesas, levadas por jovens, abre o cortejo.

Igreja da Lapa da Póvoa de Varzim e Fortaleza

Realização: Terça-feira Santa. Noite

Percurso: Organiza-se e sai do adro da Igreja da Lapa, o trajeto realiza-se nas ruas da paróquia e termina, normalmente, na Fortaleza.

Neste cortejo realiza-se uma recriação, ao vivo, da Via Sacra de Cristo com os figurantes envergando indumentária específica da sua personagem.

A iniciativa é levada a cabo um grupo de jovens da paróquia da Lapa.





Procissão dos Ramos

Igreja de N.ª S.ª da Conceição (Matriz)

Realização: Domingo de Ramos - 6.º Domingo da Quaresma. Manhã.

Percurso Organiza-se e sai do adro da Igreja Matriz, segue pela Rua de S. Pedro, Largo das Dores, Igreja da Misericórdia - onde se realiza a bênção do Ramos - e regressa pela Rua Senhor do Monte, Rua Fernando Barbosa, Rua da Igreja, recolhendo à Igreja Matriz, onde se celebra a missa. Procissão com figurado organizado, limitado a um grupo alegórico.

A parte principal da procissão é constituída pelos fiéis a cantar que transportam os seus ramos para serem abençoados.

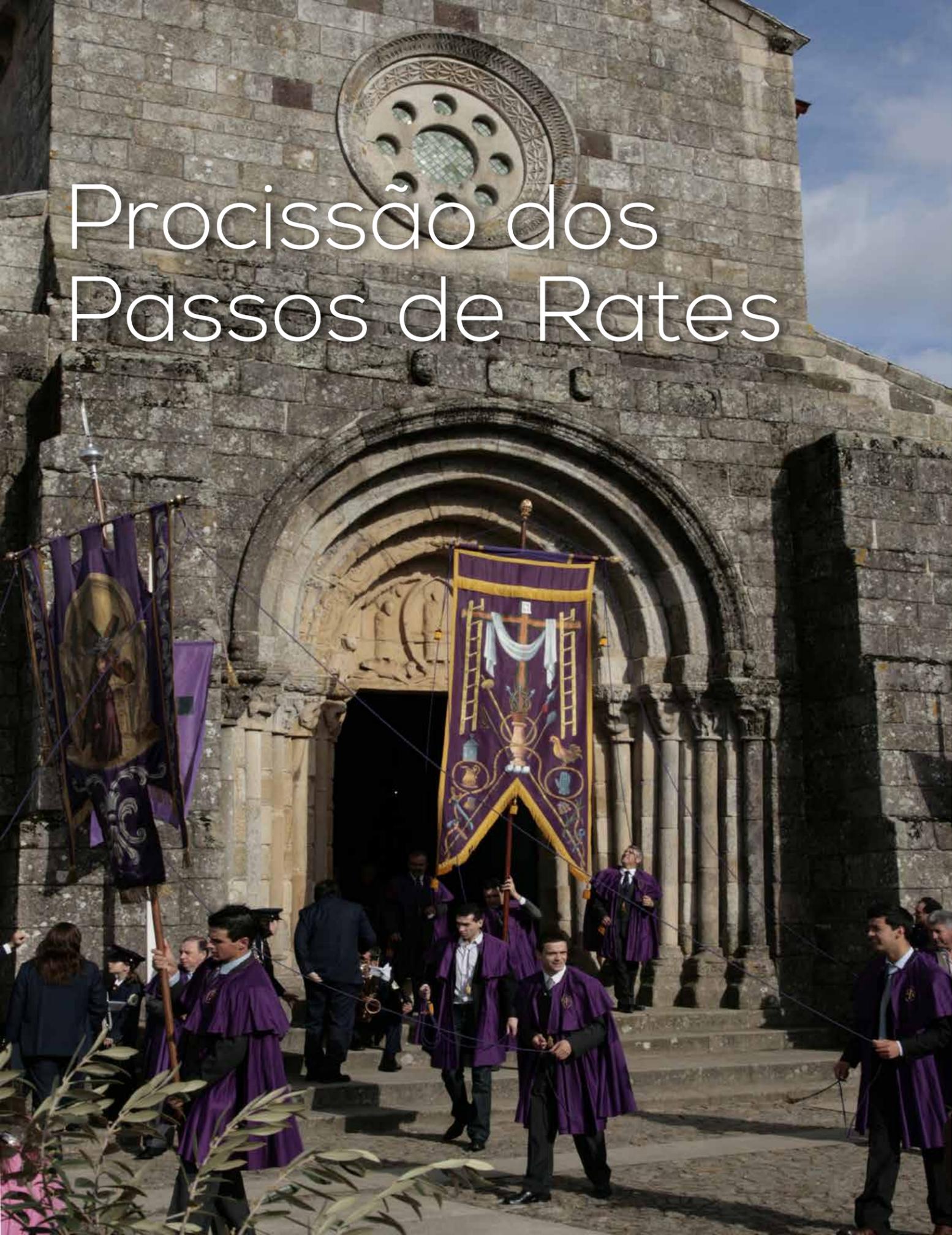
É uma das mais antigas procissões ordinárias de que há notícia, realizada quer em Jerusalém (séc. IV ou V), quer por toda a cristandade (séc. VIII).

Corresponde, aliás, no calendário, à Festa dos

Tabernáculos do povo Judeu. Como lembra um cortejo - a entrada triunfante de Cristo em Jerusalém - é natural que seja lembrado em forma de marcha ritual.



Procissão dos Passos de Rates



Igreja de S. Pedro de Rates

Realização: 6.º Domingo da Quaresma, Domingo de Ramos, também denominado: "2.º Domingo da Paixão". Tarde.

Percorso: Organiza-se e sai do adro da Igreja românica de S. Pedro de Rates e termina na mesma.

Procissão com andores e "figurado" organizado. Realiza-se um Sermão do Encontro, junto à capela do Senhor da Praça, durante o percurso.

O programa, normalmente, segue um esquema semelhante ao da Póvoa de Varzim. Tal como acontece em Amorim, a "Armadeira" seleciona algumas figuras que são instaladas no "Monte Calvário": Adão e Eva, o Dia e a Noite, Nossa Senhora de Soledade e S. João Evangelista, santas mulheres, soldados, e alguns anjos com os símbolos da Paixão.





Bois da Páscoa

Realização: Domingo de Ramos. Tarde | 15 Horas

Percorso: Mercado; Rua Paulo Barreto; Praça do Almada; Praça da República; Rua da Junqueira; Largo David Alves; Avenida Mousinho de Albuquerque; Mercado Municipal.

Uma das tradições da Semana Santa era o desfile dos bois da Páscoa, em que, os talhantes e marchantes faziam desfilar pelas ruas da Póvoa o gado que iria ser sacrificado no Matadouro Municipal. Na quinta -Feira Santa a Póvoa recebia milhares de visitantes que vinham para o desfile durante a tarde e depois ficavam para a visita noturna às Igrejas.

Para o desfile os animais, e seus jugos, eram engalanados com chocalhos, campainhas, flores e fitas. A guiar o gado seguiam jovens vestidas com trajes tradicionais e grossos cordões de ouro ao peito, mostrando a

riqueza das famílias. O cortejo era animado pelo toque das concertinas e, de vez em quando, uns passos de dança, ou a distribuição de vinho aos participantes. Na rua os espectadores comentavam a qualidade dos animais, ou as suas proporções avantajadas e lançavam piropos às belas lavradeiras que desfilavam. Pontuavam, na frente de cada grupo, os marchantes, vestidos a rigor e com o cajado, mostrando, com orgulho, os seus animais.

Atualmente reatou-se a tradição, realizando-se o desfile na tarde do Domingo de Ramos.



Celebração da Ceia do Senhor

Celebração com Sermão do Mandato, Cerimónia do Lava-Pés e Procissão Eucarística

Igreja de N.ª S.ª da Conceição (Matriz)

Realização: Quinta-feira Santa. Final da tarde.

Um das celebrações com maior significado e simbolismo do ponto de vista litúrgico são as cerimónias da celebração da Ceia do Senhor, com Sermão do Mandato, Cerimónia do Lava-pés e Procissão Eucarística, são realizadas no interior da Igreja, e normalmente, presididas por um Bispo Auxiliar de Braga.





Visita às Igrejas

Local: Igreja matriz; Igreja da Misericórdia; Capela de Nossa Senhora das Dores; Capela do Senhor do Bonfim; Igreja de S. José de Ribamar; Capela de Nossa Senhora do Desterro; Capela de S. Roque/ S. Tiago; Igreja de Nossa Senhora da Lapa;

Realização: 5.ª Feira Santa. Noite.

As igrejas e capelas que são abertas para serem visitadas pelos fiéis são cuidadosamente ornamentadas com flores e arranjos para lembrarem aspetos diversos do ciclo da Páscoa. Na Capela do Senhor do Bonfim realizam-se representações teatrais com cenas da vida de Cristo, que lembram as encenações dos "Mistérios" medievais.

A Visita às Igrejas veio substituir a "Procissão do Ecce Homo". Assim como esta procissão "visitava" as principais igrejas e capelas, agora são as pessoas que, a pé, realizam a romagem aos vários edifícios religiosos enfeitados a preceito.



Queima do Judas

Local: Bairros da cidade

Realização: Sábado de Aleluia. Noite

Por toda a cristandade uma das tradições que se praticam no ciclo da Páscoa é a Queima do Judas. Após ser lido o seu testamento em que, de forma brejeira, se criticam os podres e os males da sociedade local, a efigie do apóstolo traidor é enforcada e queimada, com o aplauso dos circundantes.

As origens desta tradição podem ser encontradas nos antigos rituais de purificação do longo e duro inverno e na celebração da alegria do calor da Primavera que se aproxima.

Na Póvoa de Varzim, tradicionalmente são realizada pelas associações recreativas e culturais, ou de bairro, estas manifestações que acolhem um apoio entusiástico dos jovens e realizam-se, por vezes, em várias zonas da cidade simultaneamente.



Procissão do Enterro do Senhor



Igreja de N.ª S.ª da Conceição (Matriz)

Realização: Sexta-feira Santa. Noite

Percorso: organiza-se e sai do adro da Igreja Matriz, segue pela Rua da Igreja, Rua do Visconde; Largo do Cruzeiro; Praça do Almada; Praça da República; Rua de Manuel Silva; Rua Cidade do Porto: Torreões do Mercado; Largo das Dores; Rua de S. Pedro e recolhe à Matriz.

Antes do início da procissão o esquife com o Senhor morto é colocado na base do altar-mor para que possa ser velado pelos devotos. O sacrário aberto, a mesa de altar sem toalha, a ausência de flores, os tocheiros negros, os reposteiros pretos pendurados no arco cruzeiro e os fogareiros altos onde ardem pinhas e carvão no adro da igreja, transmitem uma sensação de intemporalidade e luto.

Esta procissão do Senhor Morto no esquife, que se realizava na Sexta-Feira Santa, de tarde (na 1.ª metade séc. XX), passou a realizar-se à noite. É um cortejo com andores e figurado organizado. Normalmente vestem-se cerca de 150 jovens e crianças, com as cabeças cobertas por véus negros ou mantos. As bandeiras e estandartes processionais seguem abatidos, em sinal de luto. O programa, descrevendo e ilustrando o tema da morte e enterro de Cristo, é erudito e muito complexo. Os grupos alegóricos vão alternando com o andor de N.ª S.ª da Soledade e o esquife do "Senhor Morto".

A abrir a procissão, depois da fanfarra dos escuteiros - cujos tambores são cobertos de panos pretos criando uma sonoridade abafada e grave - seguem grupos de homens embiocados, os farricocos, vestidos de negro e com grande capuz, segurando fogaréis ou agitando matracas. A procissão é observada em absoluto silêncio, o que permite ouvir com clareza os cânticos

que o grupo da Verónica e das Santas Mulheres, entoam em locais determinados ao longo do itinerário, em alguns dos quais se encontram grupos corais que cantam "em resposta". Os seus lamentos ouvem-se pela primeira vez aquando da saída do esquife da igreja e repetem-se: junto ao cruzeiro; perto do pelourinho, na Praça do Almada; na Capela de S. Roque/S. Tiago; frente à Escola dos Sininhos; nos torreões do antigo mercado Municipal; na capela das Dores e, no final, já no interior da igreja, cantam junto do esquife, servindo de encerramento do cortejo.





Procissão da Ressureição

Igreja de N.ª S.ª da Conceição (Matriz)

Realização: Domingo de Páscoa. Manhã

Percorso: organiza-se e sai da igreja matriz; segue pela Rua da Igreja; Rua do Visconde; cruzeiro paroquial; Praça do Almada; Rua Dr. Sousa Campos, Largo de S. Roque/S. Tiago, ou Praça da República; Rua Manuel Silva; Rua Cidade do Porto; Largo das Dores; Rua de S. Pedro e recolhe à Matriz.

Procissão eucarística, sem andores, mas com figurado organizado. Normalmente vestem-se cerca de 70 crianças e jovens. Nesta procissão vai grande parte dos anjos e figuras que participaram na procissão do Enterro do Senhor, mas com outro arranjo.

O Programa é erudito descrevendo e ilustrando o tema

da Ressurreição de Cristo. No entanto, as campainhas e as cruzes decoradas com flores para a visita pascal, que decorrerá da parte da tarde são elementos marcantes do préstito.

É um cortejo alegre e diferente de todos os outros, em que se destaca o fim da Quaresma, e os temas felizes, em oposição às procissões da semana anterior. É a única na cidade que se realiza da parte da manhã e a luz primaveril, formando longas sombras de um brilho puro que encandeia, empresta a esta procissão matinal características luminicas únicas, que lhe transmitem valores encantatórios.

Nas varandas, em vez dos panos pretos que se armaram para a procissão do Enterro, vêem-se colchas brancas, ou coloridas e colocam-se folhas e flores no chão, formando singelos e perfumados tapetes.





Visita Pascal

Paróquias: de N.ª S.ª da Conceição (Matriz);
N.ª S.ª da Lapa e S. José de Ribamar.

Realização: Domingo de Páscoa.

Ao contrário da 1.ª metade do século XX, em que um só grupo (composto pelo pároco, alguns membros da Confraria do Santíssimo e um jovem para levar a sineta) realizava a Visita Pascal em toda a vila da Póvoa, no início do século XXI são necessários, só para a paróquia da Matriz, mais de trinta grupos organizados para efetuarem a Visita Pascal. Reúnem-se na Igreja, onde se realiza a benção e depois distribuem-se por todos os bairros da paróquia.

Um membro do clero, ou da comunidade, leva a Cruz Pascal enfeitada com flores, sendo acompanhado por membros de confrarias, ou outros grupos paroquiais, que transportam a caldeira da água benta, o saco das

esmolos, pagelas para oferta e ainda as campainhas que anunciam a Visita. Para que se saiba que as casas querem receber o Compasso, os residentes colocam flores e folhas na frente das portas.



Cortejo festivo

Igreja de N.ª S.ª da Conceição (Matriz)

Realização: Domingo de Páscoa. Final da tarde.

Percorso: Organiza-se e sai da Praça do Almada, passa pelo cruzeiro paroquial, no Largo Eça de Queirós, segue pela Rua do Visconde, Rua da Igreja e recolhe à Igreja Matriz.

Procissão sem andores e sem figurado, que surgiu quase espontaneamente na década de 90 do século XX, quando o elevado número de grupos da visita pascal regressavam à igreja e pelo caminho iam anunciando a sua passagem.

Por essa altura tomou-se a resolução de organizar este cortejo onde se incorporam todos os grupos. Reunindo-se na Praça do Almada retornam à Igreja Matriz num desfile alegre acompanhado pelo ruído ensurdecido das campainhas.





Merenda “do Anjo”

Realização: Segunda-feira depois da Páscoa.

Desde há muitas décadas que na segunda-feira de Páscoa a cidade pára, encerrando a quase totalidade dos estabelecimentos comerciais e empresas, para permitir a realização do merendeiro no Anjo, autêntica saída de “regresso à natureza” onde se reúnem famílias inteiras a comer e a brincar jogos tradicionais.

No Domingo de Páscoa, nas ruas da Póvoa, enquanto se esperava pela Visita Pascal, era costume formarem-se grupos numerosos de famílias e vizinhos para participarem no tradicional Jogo da Péla. Com o aumento do tráfego automóvel muitos deles transferiram essa brincadeira para o dia “do Anjo”.

Mais recentemente, a construção de estradas e a urbanização de parte das carvalheiras de Argivai forçaram a que estes locais fossem preteridas em favor de outros, como a serra de Rates.



JOGO DA PÉLA

Jogo da Péla. Joga-se à Péla nos pinhais, ou, quando o tempo o não permite que se saia para longe, nas ruas da cidade. Na segunda-feira depois da Páscoa há tolerância de ponto em quase todos os trabalhos, para permitir a realização desta saída de “regresso à natureza” onde se reúnem famílias inteiras a comer e a brincar jogos tradicionais.

Festa da Ascensão do Senhor

Igreja de S. Miguel de Argivai

Realização: Domingo seguinte ao 40º dia depois da Páscoa.

Percorso: Saída da Igreja paroquial, Rua Senhor dos Milagres, Rua Festa da Hera, passagem pela capela de N.ª S.ª do Bom Sucesso, Rua do Tamanqueiro, Rua da Gândara, Rua Manuel F. da Silva, recolhendo à Igreja paroquial.

A celebração da Ascensão de Cristo, ou Festa da Hora, que assinala o fim do ciclo Pascal, é também denominada, em Argivai, por Festa do Senhor dos Milagres, ou das Rosas.

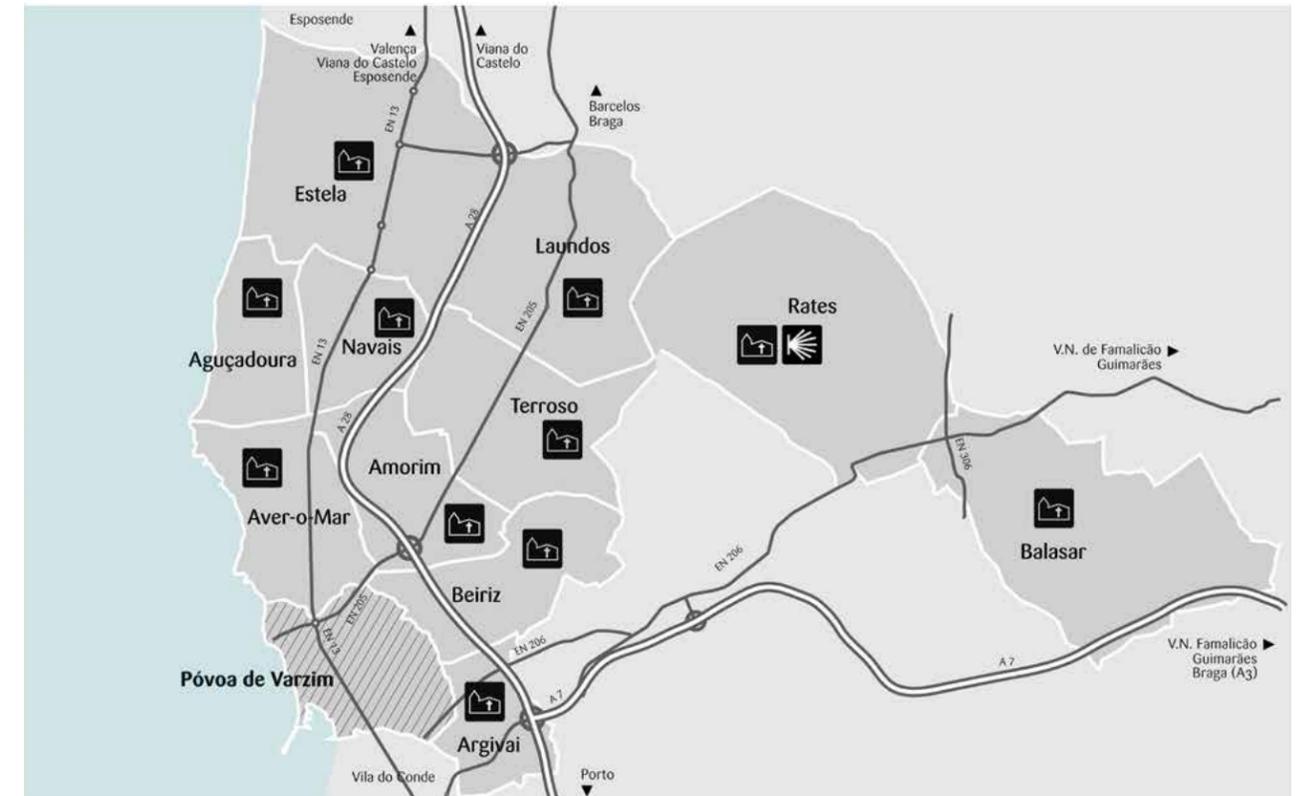
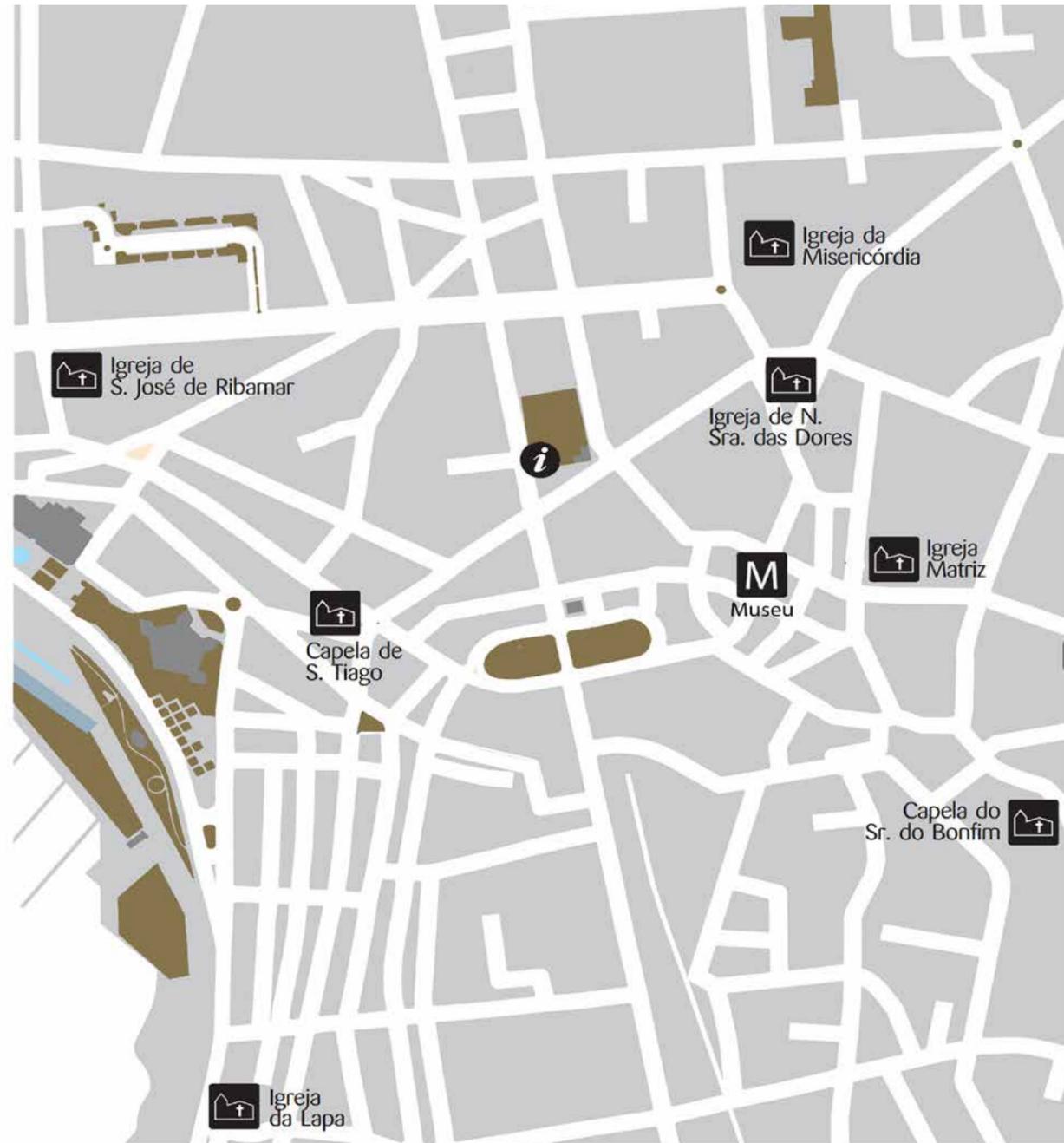
As celebrações iniciam-se na Igreja, onde, durante a Exposição do Santíssimo e a oração do terço, se realiza a Batalha de Flores. Esta cerimónia é particularmente importante para a classe piscatória, que, além de oferecerem avultadas esmolas, vão assistir à festa para

trazerem as pétalas de rosas que são cuidadosamente secas e conservadas durante o ano. Pelo facto de terem sido recolhidas na celebração da “Hora” da Ascensão do Senhor (entre as 12 Horas e a 1H da tarde) as pétalas são consideradas sagradas.

Da parte da tarde realiza-se a procissão, com andores e figurado organizado. A escultura do Senhor dos Milagres, por ser uma frágil, preciosa e rara imagem gótica, não pode sair do retábulo, sendo, por isso, substituído no andor, por outra imagem do século XX.



Igrejas da Póvoa de Varzim visitáveis na quinta-feira Santa



Na época Pascal todas as igrejas paroquiais do Concelho têm cerimónias onde a Fé e a tradição se unem para eventos de grande imponência e beleza.

O programa das Solenidades do Ciclo da Páscoa é extenso, e no decorrer deste periodo, as igrejas abrem-se aos visitantes, realizam-se concertos, encontros de grupos corais, vias-sacras e exposições relativas ao tema as quais decorrem em vários pontos turísticos, históricos e culturais na cidade e nas diferentes freguesias.

Convida-se o visitante a percorrer as igrejas espalhadas pelo território, a acompanhar as manifestações da religiosidade popular e a descobrir outras tradições e práticas deste ciclo, como os jogos tradicionais típicos desta quadra, como o jogo da Pêla.



Posto de Turismo

Praça Marquês do Pombal
4490-442 Póvoa de Varzim
Telefone: +351 252 298 120
Fax + 351 252 617 872
www.cm-pvarzim.pt/turismo
pturismo@cm-pvarzim.pt

Horário:

Segunda a sexta-feira
9h00/19h00

Sábados, domingos e feriados
9h00/13h00 – 14h00/18h00

Museu Municipal da Póvoa de Varzim

Rua Visconde de Azevedo, n.º 17.
4490 – 589 Póvoa de Varzim
T: 252 090002 / F: 252 090012
E: museu@cm-pvarzim.pt

Núcleo Museológico da Igreja Românica de S. Pedro de Rates

Largo Conde D. Henrique
4570 – 411 Rates, Póvoa de Varzim

Núcleo Interpretativo da Cidade de Terroso

Rua da Cidade de Terroso
4490 – 520 Terroso, Póvoa de Varzim

Horário:

Encerrado à segunda-feira e feriados.
Visitas guiadas mediante marcação prévia.

Ficha técnica:

Fotografia: José Flores G.; Deolinda Carneiro; Ana Teresa Gomes;
Coleção do Museu Municipal;
Juvenorte; Paróquia da Lapa;

Textos: Deolinda Carneiro; José M. Flores Gomes; Maria de Jesus Rodrigues.

Desenho: Vítor Novo

Composição e Design: Ana Teresa Carneiro Gomes

